

## **#Filmisnotdead: o Resgate da Memória Afetiva na Fotografia Analógica<sup>1</sup>**

Eveline MEDEIROS<sup>2</sup>  
Bruno ALENCASTRO<sup>3</sup>

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, RS

### **RESUMO**

Atentando para o movimento de retorno da fotografia analógica no mundo contemporâneo - evidenciado, principalmente, pelas milhares de fotografias que são postadas diariamente no Instagram com referências estéticas da fotografia de filme em seus filtros e na utilização de hashtags como #ishotfilm e #filmisnotdead -, o presente artigo pretende investigar a relação afetiva dessa estética analógica. Para tanto, partimos da compreensão de que o acréscimo de grãos, uso de cores desaturadas e vazamento de luz caracterizam estariam possibilitando uma retomada da imagem única e sua aura. É o que visualizamos no perfil do usuário Felipe Luz dessa rede social, o qual nos servimos para análise neste trabalho, refletindo com o auxílio de autores como Targa, Machado, Burmester, entre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** fotografia; analógico; memória; redes sociais.

Em um contexto de popularização da imagem, o pensamento de McLuhan (1974) não poderia ser mais oportuno para pensar os dispositivos móveis como extensões da população. Entretanto, mesmo com a possibilidade de se capturar imagens de maneira abundante e rápida, assim como compartilhá-las instantaneamente, podemos observar um movimento de contrafluxo a essa lógica das redes sociais. Desobedecendo as regras desse jogo onde a corrida pela agilidade muitas vezes prevalece sobre qualquer outra lógica, uma resistência de artistas estão não apenas vendo a fotografia analógica como alternativa, mas, também, permanecendo nesse processo.

Partindo de uma breve análise do casamento entre fotografia digital e internet, reconhecemos o *Instagram* como pioneiro nessa revolução retrô com seus filtros vintage; a partir dele, buscamos a relação deste fenômeno com a memória afetiva.

---

1 Trabalho apresentado na IJ04 – Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – XIV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2 Graduanda do Curso de Fotografia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos.

3 Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos. Professor na mesma instituição.

Através da câmera de filme, o criador da imagem parece sentir-se nostálgico aos momentos importantes, que foram vividos e registrados em antigas fotos de família - quando a perfeição técnica e qualidade de pixels não era o principal e, sim, a sensação de temporalidade, lembrança e foto (quase) única.

## **A POPULARIZAÇÃO DA FOTOGRAFIA NO DIGITAL**

Durante anos, a fotografia era um recurso privilegiado onde apenas artistas e pessoas com grande aquisição financeira tinham acesso a ela. Batista (2011) defende que a fotografia passou por três grandes passos para chegar a sua popularização; as emulsões secas, as câmeras 35mm e, por fim, a imagem digital. Foram aproximadamente 150 anos de tecnologia analógica até - na década de 1970 - a fotografia digital começar a dar os seus primeiros passos. Na virada do século XXI, quando o consumo da imagem começa a acelerar, ela começa a fazer parte gradativamente cada vez mais do cotidiano e da vida das pessoas.

Na fotografia analógica, era possível descrever a relação de imagem e da sociedade ainda como registro de momentos importantes, álbuns de família, ou seja, congelamento de momentos que seriam vistos pelas próximas gerações. Com o mundo digital e a internet, começamos a nos alimentar de imagens do comum, do cotidiano, devido a rapidez do compartilhamento dessas fotografias (BURMESTER, 2006). Citamos apenas um dos fatores que fizeram parte dessa transição, sem mencionar a discussão do movimento do fotojornalismo e a fotografia como reprodução do real em um momento de acesso a manipulação de imagem via *softwares* de edição.

Pessoas passaram a se auto-dominar “profissionais da imagem” após adquirir equipamentos de qualidade devido ao fácil acesso desses bens, a partir da digitalização fotográfica (CAVALCANTI, 2011). Completamente diferente do período em que, para divulgar suas imagens, o fotógrafo dependia da aprovações de galerias, contatos na área para melhor visualização de seu trabalho, etc. Kawakami (2012, 174 p) nos ajuda que, atualmente, “qualquer um pode expor suas fotografias por meio da internet, independente da qualidade técnica, da conceituação ou do assunto nelas abordado, e isso conferiu ao produtor das imagens maior liberdade”. Em outras palavras,

pode-se fotografar sem conhecer as leis de distribuição da luz no espaço, nem as propriedades fotoquímicas da película, nem as regras da perspectiva monocular que permitem transformar o mundo tridimensional em imagens bidimensional. As câmeras modernas estão automatizadas a ponto de até mesmo a fotometragem da luz e determinação do ponto de foco serem realizadas pelo aparelho. (MACHADO, 2007, p. 45).

Dada a importância da imagem na vida cotidianas, acompanhamos o desenvolvimento de redes sociais que atendem não apenas o compartilhamento de fotos de viagem e família, mas também fornecem ferramentas aplicadas para o compartilhamento e uma rede de contatos de profissionais e amadores que surgem a cada dia no mercado. Devido a facilidade da captação dessas imagens, dado pela automatização das câmeras fotográficas e recursos cada vez melhores de fotografia nos aparelhos celulares.

ao ser compartilhada em rede, ao ser exposta na Internet, a fotografia pode passar a ter alcance maior e isso pode conferir a ela maior valor de exposição. Por meio de geração de tráfego, indicação, participação e discussão de outros usuários, potencializa-se seu valor. (TARGA, 2010, p. 48).

## **O INSTAGRAM: MOVIMENTO RETRÔ**

Após criação de redes sociais como Orkut, Flickr e Facebook, em outubro de 2010 o Instagram é lançado. Trata-se de um aplicativo que propõe como principal funcionalidade a edição e compartilhamento de fotografias. Desenvolvido inicialmente para celulares, depois de um período expandiu seu acesso também via web. Como nos lembra Espanhol (2013), em seus primeiros anos, o aplicativo trazia o resultado de uma imagem obrigatoriamente quadrada, “com filtros que simulam “falhas” típicas da fotografia analógica. A variedade de efeitos vai do simples preto e branco até o supersaturado e o avermelhado característico do vazamento de luz” (ESPANHOL, 2013, pg.13). Todas essas características incorporadas dos processos analógicos de revelação não são apenas vistas nos filtros de cores utilizados pelo Instagram, mas, também, em sua interface – onde, em seu primeiro logotipo, podemos ver uma clara releitura da câmera *polaroid*, fazendo sentido ao seu nome, que é a mistura de *instant* (instante, momento) e *telegram* (telegrama). A escolha da fotografia quadrada também afirma essa caracterização nostálgica, proporção presente nos filmes de câmeras médio

formato e nas próprias *polaroids*.

Atingindo 100 milhões de usuários após dois anos de criação, o *Instagram* proporciona certa nostalgia a partir de sua proposta estética, promovendo o início de uma manifestação retrô na internet. Por meios tecnológicos, os usuários das redes sociais buscam cada vez mais aplicativos que alcancem um resultado parecido com os processos analógicos, gosto este que já estava presente há alguns anos de maneira física com o fenômeno da *lomografia* (VASCONCELOS, 2014).

Esse retorno das imagens analógicas se configura como uma reação à digitalização da imagem. A fotografia deixou, então, de ser palpável para existir apenas em arquivos binários – códigos que, unidos, permitem a visualização de uma imagem através de plataformas decodificadoras, como computadores e celulares. Esse fato acarretaria na “perda da conexão com a realidade física que a fotografia sempre se particularizou por ter. (XEREZ, 2011, apud VASCONCELOS, 2014, p. 3).

## **O RESGATE DA AURA E MEMÓRIA AFETIVA**

Reconhecendo a fotografia como poesia visual, o registro fotográfico contribui para representar o cotidiano e preservar a memória. Segundo Oliveira e Farias (2009), a imagem orienta e guia o observador a buscar essa construção, devido a fotografia sempre ser um sujeito do passado, que jamais acontecerá exatamente da mesma forma.

Olhar uma fotografia é como um ritual de manutenção da memória. É como um monumento que desempenha a função de arquivar. Quer dizer, a fotografia é importante para manter acesa a chama em torno de um determinado acontecimento. Mais que isso, é o que diferencia a memória da história. É o que faz com que a memória seja a vida, seja carregada por grupos vivos e esteja em permanente evolução. (OLIVEIRA; FARIAS 2009, p. 8).

Indo contra o movimento da produção acelerada de imagens, a característica do analógico nos leva ao retrocesso histórico, na busca pela riqueza da matéria e do valor único da imagem. A possibilidade da reprodução da fotografia sem sofrer qualquer dano físico ou técnico - e seu fácil acesso sem ter a barreira da distância material - fez com que a fotografia perdesse o seu culto mágico de congelamento do tempo e a questão da aura, como nos lembra Vasconcelos

Em suma, o que é a aura? É uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante por mais perto que ela esteja. Observar, em repouso, numa tarde de verão, uma cadeia de montanhas no horizonte, ou um galho, que projeta sua sombra sobre nós, significa respirar a aura dessas montanhas, desse galho. (BENJAMIN, 1987, apud VASCONCELOS, 2014, p. 3).

Para Wanderlei (2016), usar o analógico nos tempos atuais, é uma forma de se concentrar com uma memória afetiva, onde conjunto de elementos conecta com as imagens que marcaram a infância, os ritos familiares, épocas onde a fotografia esteve presente em momentos importantes. Para ela, existe nesse processo a possibilidade de resgatar este sentimento de afetividade instalado na captura de determinado momento, associando a lembrança com “imperfeições técnicas” presentes no filme, como granulação, vazamentos de luz e desfoque.

Nesse sentido, compreendemos ainda que construir imagens a partir dessa forma “recuperada”, significa não só utilizar a câmera para registro de cenas privadas, mas incorporar nesse registro uma poética criativa, pois como operação que se fia também na memória, tais fotografias são contaminadas de imaginação. (WANDERLEI, 2016, p. 5).

Como memória afetiva, Gomes (2017) busca em gravuras, álbuns de família e processos artísticos essa relação de saudade e lembrança, onde cita que “ambas têm como objetivo não apenas reproduzir o passado, mas transformar o presente e criar a possibilidade de gerar significado no futuro” (p.44). Deixando ainda mais evidente, a ligação do processo material como uma sensação de encontro do passado com uma permanência no futuro. Nas palavras do autor, “transmitindo a imagem digital para o metal, materializando-a, quem sabe eu consiga transmitir parte do meu tempo para outros tempos, um tempo que eu nem vivi, mas onde me reconheço nos que viveram”. (GOMES, 2017, p. 139).

Para Nobre (2013), a fotografia e seu simbolismo de externo e interno, tem relação com a psicologia da presença e do afeto, pois essa imagem revelada seria o retrato da verdade.

O positivo e o seu plural reivindicam uma presença que se ausentou do real, e dessa ausência tornada presença temos acesso a outra realidade que se manifesta na linguagem das sensações ou do seu singular, ou seja, da «sensação» a que se refere Roland Barthes ao contemplar a Fotografia do Jardim de Inverno. (NOBRE, 2013, p. 28).

Nesse contexto, partimos da compreensão de memória afetiva como sendo um sentimento vinculado a partir de uma percepção de características, neste caso visuais, que tenham a ver com um momento importante.

## A PERMANÊNCIA DO ANALÓGICO

Mesmo com os avanços tecnológicos da imagem, a fotografia analógica não entrou em total extinção. Burmester (2006) acredita que um dos motivos dessa permanência ocorra devido ao ato físico que o fotógrafo se submete em toda a produção, reverenciando um ritual que vai desde a busca e compra do filme, manuseio da câmera e a impossibilidade da prévia da imagem, e sim ter exclusivamente o seu imaginário.

Parece que o surgimento de uma nova tecnologia, a fotografia digital, sempre causou um certo temor pela desapareção ou pela completa substituição da tecnologia que a antecede. Porém a história tem mostrado que este não é o caso. Se assim fosse não estaríamos ainda ensinando as crianças a se expressar através de desenhos e pinturas. (BUMESTER, 2006, p. 40).

Curiosamente, o autor acredita que, em um futuro não muito distante, a fotografia analógica sobreviveria em nichos específicos sociais, nos tempos atuais podemos observar no *Instagram* o uso de hashtags como *#Ishotfilm*<sup>4</sup>, *#filmisnotdead*<sup>5</sup> e *#35mm*<sup>6</sup>, confirmando essa permanência e revelando usuários com perfis apenas de fotos analógicas. Estes usuários compartilham entre si dicas de como conseguir filmes, onde revelar e quais técnicas usam, formando uma rede de pessoas com o mesmo interesse: mostrar que fotografia analógica resiste e está presente.

---

4 #Ishotfilm 4.069.738 publicações catalogadas no Instagram até o dia 5 de julho de 2018;

5 #filmisnotdead 8.218.216 publicações catalogadas no Instagram até o dia 5 de julho de 2018;

6 #35mm 14.103.138 publicações catalogadas no Instagram até o dia 5 de julho de 2018;

## A RESISTÊNCIA PELA LINGUAGEM ESTÉTICA

No perfil do fotógrafo Felipe Luz, 26 anos, nascido no Rio de Janeiro e Morando atualmente em São Paulo, a fotografia analógica resiste. Atualmente, ele trabalha como videomaker e fotógrafo e tem um canal no Youtube - onde por 2 anos registou sua vida em *vlogs* diários. Em nossa conversa, procuramos saber como surgiu seu interesse pelos processos manuais, como desenvolve seu trabalho com a fotografia analógica e quais foram as motivações que o levaram para as redes sociais. Por causa do Flickr<sup>7</sup> e do Fotolog<sup>8</sup>, Felipe tirava fotos cotidianas de amigos para registrar momentos de uma forma não artística. Seu objetivo era de apenas registrar os momentos, como fazia na sua infância, quando levava sua câmera analógica para os passeios da escola.

Figura 1 - Isabela



Fonte: @felip\_

<sup>7</sup> Aplicativo online de gerenciamento e compartilhamento de imagens. Fonte: Flickr. Disponível em: <https://www.flickr.com/about>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>8</sup> Rede social de compartilhamento de imagens. Fonte: Fotolog. Disponível em: <https://fotolog.com/about/pt>. Acesso em: 10 jul. 2018.

Felipe afirma que fotografa com filme nos tempos atuais por fazer mais sentido como linguagem. Para ele, a fotografia já sai da câmera com alguma personalidade justamente pelos erros técnicos. O fato do processo analógico não acontecer se depender só dele reafirma essa ligação pessoal dele com o mundo, pois a necessidade de ter que se deslocar até um laboratório para revelar e digitalizar e ter outras pessoas manuseando o filme faz com que ele sinta a fotografia como algo real e tangível. Apesar das dificuldades no acesso a equipamentos pelo alto valor, o longo processo e o risco de imprevistos devido a múltiplos fatores, para o fotógrafo, a fotografia analógica parece ir muito além disso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o seu surgimento, a fotografia carrega a magia de congelar um momento, tendo a imagem como prova do que aconteceu, guardiã das lembranças. Quando chega nas mãos de grande parte da sociedade, podemos ver como uma hipótese a perda dessa sensação de momento único que os processos manuais na fotografia tendem a manifestar. Seria, então, uma resposta a esse vazio uma possibilidade da fotografia analógica ainda mostrar-se presente no ambiente digital.

A escolha de fotografar com uma câmera analógica, ou inserir a partir de filtros uma estética parecida, pode-se considerar uma ligação com suas memórias de infância. A partir de sentimento de nostalgia, a concepção de memória afetiva traz uma sensação de familiaridade baseado nas características visuais, fazendo lembrar de ritos familiares, registros de viagens e álbuns fotográficos – como expresso nas fotos do @felip\_.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURMESTER, Cristiano Franco. **Fotografia - do Analógico para o Digital**: Um estudo das transformações no campo da produção de imagens fotográficas. São Paulo - SP. Universidade de São Paulo, 2006.

CAVALCANTI, Anabel S. Fotografia: Viajar, ver e ser visto na Internet. **Revista Espaço Acadêmico**, 2011.

ESPANHOL, Juliana. **A estética fotográfica no aplicativo Instagram a partir do diálogo com os aspectos de mobilidade e de sociabilidade**. Universidade de Brasília, Brasília, 2013.



GOMES, Simone Simões. **Gravura e Memória Afetiva: As caixas do quarto do fundo.** Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

KAWAKAMI, Tatiana Tissa; VEIGA, Adriana Imbriani Marchi. **A popularização da fotografia a e seus efeitos: Um estudo sobre o a disseminação da fotografia na sociedade contemporânea e suas consequências para os fotógrafos e suas produções.** Londrina, PR. Revista Científica de Design, jul. 2012.

LUZ, Felipe. **A fotografia analógica no Instagram.** Porto Alegre, 10 mai. 2018. Entrevista a Eveline Medeiros.

MACHADO, Arlindo. **Arte e mídia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem** (Understanding media). 4ª ed. São Paulo: Cultrix, 1974.

NOBRE, Paula Cristina Luis. **Lugares Comuns: a Fotografia como lugar de afetos.** Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013.

OLIVEIRA, Rogério Luiz da Silva; FARIAS, Edson Silva de. **Fotografia: Imagens-Poesia como lugar de memória.** V **Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, Salvador, Bahia, 2009.

TARGA, Renato Simões. **Fotografias Online: como o compartilhamento na internet influencia a fotografia.** Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

VASCONCELOS, Eduardo Leite; ÁVILA, Thayna da Silva. **A fotografia Insta: a nostalgia pelo meio.** **Intercom VI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste;** João Pessoa, 2014.

VASCONCELOS, Eduardo Leite; ÁVILA, Thayna da Silva. **A fotografia Insta: a nostalgia pelo meio.** **Intercom VI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste;** João Pessoa, 2014.

WANDERLEI, Ludimilla Carvalho. **Fotografia Analógica e Nostalgia na Contemporaneidade.** **Intercom, Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação,** São Paulo, 2016.